

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

**LUIZA SILVA RODRIGUES**

**EDUCAÇÃO DOS SENTIDOS NA  
CONTEMPORANEIDADE E SUAS IMPLICAÇÕES  
PEDAGÓGICAS**

Campinas, 2011

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

**LUIZA SILVA RODRIGUES**

**EDUCAÇÃO DOS SENTIDOS NA  
CONTEMPORANEIDADE E SUAS IMPLICAÇÕES  
PEDAGÓGICAS**

Trabalho de Conclusão de Curso  
(Graduação) apresentado à Faculdade de  
Educação Física da Universidade Estadual  
de Campinas para obtenção do título de  
Licenciatura em Educação Física.

**Orientador:** Prof. Dr. Odilon José Roble

Campinas, 2011

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA POR  
DULCE INES LEOCÁDIO DOS SANTOS AUGUSTO – CRB8/4991  
BIBLIOTECA “PROF. ASDRUBAL FERREIRA BATISTA”  
FEF - UNICAMP

R618e Rodrigues, Luiza Silva, 1990-  
Educação dos sentidos na contemporaneidade e suas  
implicações pedagógicas / Luiza Silva Rodrigues. -- Campinas,  
SP: [s.n], 2011.

Orientador: Odilon José Roble.  
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) –  
Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação  
Física.

1. Educação dos sentidos. 2. Educação Física. 3. Corpo. I.  
Roble, Odilon José. II. Universidade Estadual de Campinas.  
Faculdade de Educação Física. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

**Título em inglês:** Education of the senses in the Contemporaneity and its pedagogical implications.

**Palavras-chave em inglês:**

Education of the senses

Physical Education

Body

**Banca Examinadora:**

Odilon José roble [Orientador]

Eliana Ayoub

**Data da defesa:** 22-11-2011

**Graduação:** Licenciado em Educação Física

**LUIZA SILVA RODRIGUES**

**EDUCAÇÃO DOS SENTIDOS NA  
CONTEMPORANEIDADE E SUAS IMPLICAÇÕES  
PEDAGÓGICAS**

Este exemplar corresponde à redação final do Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) defendido por Luiza Silva Rodrigues e aprovado pela Comissão julgadora em: 22/11/2011.

Orientador  
Prof. Dr. Odilon José Roble

Titular  
Profa. Dra. Eliana Ayoub

Campinas, 2011

## **DEDICATÓRIA**

*Dedico este trabalho às pessoas que me apoiaram e me ajudaram na realização deste, àquelas que me levavam para longe e àquelas que me traziam para perto novamente. Sou grata por toda e qualquer forma de carinho oferecido!*

## **AGRADECIMENTOS**

*Gostaria de agradecer primeiramente à minha família por todo o suporte dado durante minha formação estudantil, desde o ensino infantil até o ensino superior, e sei também que esse suporte não irá parar por aqui. Agradeço à minha mãe pela ajuda e sugestões dadas mais diretamente relacionadas a esse trabalho, que para mim são de grande importância uma vez que ela também será uma grande pedagoga. Á meu pai pelo apoio, carinho e confiança depositada em mim que me possibilitaram fazer livremente minhas escolhas. Ainda agradeço ambos por tudo que me ensinaram, pela educação moral que tive e que define os meus valores e princípios, e mais que isso constitui a pessoa que sou hoje.*

*Thanks sister for your help, and to be a great sister! Obrigada também a minha tia pelo apoio e ajuda emocional que tanto precisei. Não poderia esquecer minhas avós, com as quais estamos sempre aprendendo algo novo.*

*Agradeço ao Arthur por ser um namorado que muito me ajudou a concluir esse trabalho, me mostrou um novo mundo (da escalada) e sempre esteve carinhosamente ao meu lado. Obrigada também ao João Ricardo pela ajuda e pelas escaladas.*

*Agradeço ao Nômade Cia Circense pelas artistas e amigas que vocês são, Camila, Lívia, Luana e Nayara, obrigada pelos anos de muitos treinos, muitas risadas e muito carinho. Agradeço ao Grupo Aeriis Circo e Aventura, aos funcionários e alunos que muito me ensinam e me ajudam a crescer profissionalmente, obrigada ao Diego pela oportunidade e um obrigado em especial para Marília, uma grande amiga. Agradeço ao grupo Ápeiron pelos anos que me ajudaram a conhecer melhor meu corpo e a conhecer pessoas maravilhosas. E agradeço também a turma FEF 08 diurno pelos quatro anos de muitos estudos e muitas festas.*

*Agradeço ao Odilon Roble pelo convite de juntos desenvolvermos uma Iniciação Científica, e por aceitar ser o meu orientador neste trabalho, obrigada por me ajudar a crescer no mundo acadêmico. E junto agradeço à Eliana Ayoub, que muito me ensinou como ser professora, por aceitar o convite de ser minha banca.*

*Obrigada a todos mais uma vez! Obrigada também a Deus, por me auxiliar a concluir mais essa etapa com muita satisfação e alegria. E reforço minha gratidão à minha mãe e meu pai, as pessoas mais importantes em minha vida!*

RODRIGUES, Luiza. **Educação dos Sentidos na Contemporaneidade e suas Implicações Pedagógicas**. 2011. 47f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

## **RESUMO**

Este estudo aborda o tema “educação dos sentidos”, temática atual, porém ainda pouco disseminada em âmbito científico. A visão, a audição, o paladar, o olfato e o tato são os cinco sentidos biológicos do ser humano e, em conjunto, constituem sua principal forma de apreensão do mundo. Atualmente, os sentidos sofrem uma forte “superestimulação” na sociedade da informação, entretanto, paradoxalmente, de forma restrita, direciona-se a objetos e interesses específicos, quase sempre ligados ao consumo. O papel da escola nesse contexto parece ser de mera espectadora. A Educação Física, da mesma forma, não tem produzido a educação do corpo que leve em conta uma possível educação dos sentidos. A proposta deste estudo situa-se na reflexão sobre corpo e sensibilidade, a partir de uma revisão bibliográfica que busque reconstruir como essa temática se desenvolveu ao longo da história até os dias atuais e como ela pode ser compreendida dentro do campo da educação. Se pensarmos como Merleau-Ponty (1999) para quem os sentidos são a condição de nosso “ser-no-mundo”, a educação dos sentidos passa a ser tarefa não complementar, mas fundamental.

Palavras chaves: Educação dos sentidos; Educação Física; Corpo.

RODRIGUES, Luiza. **Education of the senses in the contemporaneity and its pedagogical implications**. 2011. 47f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

## **ABSTRACT**

The present study tackle the theme “education of the senses”, a current theme, but still not very disseminated in a scientific extent. The eyesight, the audition, the palate, the sense of smell and the tact are the five biological senses of man and, together, constitute the main way of the world’s perception. At present, the senses undergo a strong “superstimulation” in the society of information, however, paradoxically, in a strict manner are directed to objects and specific interests, almost always connected to consumption. The role of the school in this context seems to be as a simple onlooker. The Physical Education, in the same way, has not been producing the education of the body that consider a possible education of the senses. The proposal of this study is situated in the reflection about the body and sensibility, through a bibliographic review that aims to reconstruct how this theme has developed throughout the history until the present days and how it can be comprehended inside the education field. If we think like Merleau-Ponty (1999) for those who the senses are the condition of our “be in the world”, the education of the senses starts to be not a complementary task, but a fundamental one.

Keywords: Education of the senses; Physical Education; Body.

## **LISTA DE FIGURAS**

|                                                           |    |
|-----------------------------------------------------------|----|
| <b>Figura 1:</b> Desenhe com o Dedo .....                 | 17 |
| <b>Figura 2:</b> Água e Conchas (Lygia Clark, 1996). .... | 25 |
| <b>Figura 3:</b> Óculos .....                             | 27 |
| <b>Figura 4:</b> Máscaras Sensoriais.....                 | 28 |
| <b>Figura 5:</b> Luvas Sensoriais .....                   | 31 |
| <b>Figura 6:</b> Diálogo de Mãos.....                     | 33 |
| <b>Figura 7:</b> Bicho.....                               | 40 |
| <b>Figura 8:</b> Caminhando .....                         | 40 |

## **Sumário**

|                                                   |           |
|---------------------------------------------------|-----------|
| <b>APRESENTAÇÃO .....</b>                         | <b>11</b> |
| <b>1 INTRODUÇÃO .....</b>                         | <b>13</b> |
| <b>2 BREVE RECONSTRUÇÃO HISTÓRICA .....</b>       | <b>15</b> |
| <b>2.1 OS SENTIDOS NA CONTEMPORANEIDADE .....</b> | <b>18</b> |
| <b>3 EDUCAÇÃO DOS SENTIDOS.....</b>               | <b>23</b> |
| <b>3.1 PERCEPÇÃO E SENSACÃO .....</b>             | <b>23</b> |
| <b>3.2 OS CINCO SENTIDOS.....</b>                 | <b>26</b> |
| <b>3.3 A BUSCA POR UMA RAZÃO SENSÍVEL.....</b>    | <b>32</b> |
| <b>3.4 IMPLICAÇÕES PEDAGÓGICAS .....</b>          | <b>37</b> |
| <b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>                | <b>44</b> |
| <b>REFERÊNCIAS .....</b>                          | <b>45</b> |

## **APRESENTAÇÃO**

Foi lá na 7ª série que pela primeira vez eu pensei em seguir a área da Educação Física. Os motivos que me levaram a essa escolha era o simples fato de eu ser uma ótima jogadora dos esportes com bola, principalmente o futsal e o handball. Eu era uma daquelas poucas alunas que adorava as aulas de Educação Física, participava de tudo e odiava a turma que ficava sentada e dificultava a formação de times para conseguirmos jogar, no ensino médio essa turma era conhecida como a “turma da cólica”. Nessas horas, eu até preferia fazer a aula com os meninos, porque na minha escola essas aulas sempre foram separadas entre meninas e meninos. Tudo era separado nas aulas de Educação Física, até a matéria, os métodos avaliativos, nunca entendi o motivo, e sempre foi uma revolta na época, pois tínhamos provas e os meninos não. Mas hoje eu agradeço, pois tive aulas muito boas, com os temas mais diversos, o que é muito difícil encontrar nas escolas hoje em dia.

Essa ideia de escolher a Educação Física na hora do vestibular para entrar em uma universidade permaneceu até o final. E hoje posso afirmar que fiz a escolha certa e não me vejo trabalhando fora dessa área ou em qualquer outra. Apesar dos motivos que me trouxeram até aqui não serem mais os mesmos que levarei a diante, agradeço por eles terem existido. Hoje não quero mais ser uma atleta e nem trabalhar com o alto rendimento (áreas que também tem sua importância e relevância), quero ser professora dentro do âmbito escolar.

Durante a faculdade muitos campos de atuação profissional me chamaram a atenção, sendo eles: o trabalho com a terceira idade, com pessoas em condição de deficiência, a vida acadêmica de pesquisadora e ser professora dentro da escola. E foi essa última que eu escolhi. Essa escolha teve influência da minha formação dentro de casa, de algumas disciplinas e alguns professores dentro da Faculdade de Educação Física da Unicamp.

Não me vejo trabalhando profissionalmente na frente de um computador, por exemplo, eu quero trabalhar com pessoas, as quais são seres humanos interessantíssimos, cheios de desejos, valores, conhecimentos, sentimentos, os quais me possibilitarão sempre aprender algo novo. Dentre elas, as crianças e os jovens são aqueles que estão vivendo um processo importante de aprendizagem, que os ajudarão a serem indivíduos conscientes e críticos dentro de sua sociedade e seus atos darão sequência no progresso mundial. Por isso, dou muito valor ao papel do professor, pessoas fundamentais nesse processo.

Alguns professores como Elaine, Jocimar e muitos outros (mesmo fora dessa área) com muita competência me ajudaram a ter uma formação completa para que seja possível alcançar esse objetivo profissional.

# 1 INTRODUÇÃO

Ao longo da história, a dicotomia entre corpo e intelecto, ou seja, o que é sensível e o que é inteligível, foi se modificando de acordo com a sociedade e a época correspondente. É possível perceber que antigamente encontrávamos a superioridade do intelecto sobre o corpo, e aos poucos com alguns autores, filósofos e pesquisadores que refletiam sobre o tema essa visão foi se alterando, o corpo ganhou sua visibilidade, mas também foi interpretado de diferentes formas. Primeiramente, o corpo era retratado de forma exclusivamente biológica e mecânica, referia-se somente as suas funções orgânicas até que mais tarde alguns autores começaram a olhar para o corpo de forma mais completa e complexa ao mesmo tempo, isto é deixou de ser visto apenas como um objeto para ser compreendido como parte integrante do ser humano. É com o corpo que o ser humano se expressa e interage, recobre seus gestos de significados e intenções, mediados por tudo aquilo que é sensível.

Notando que o intelectualismo somente não conseguiria captar toda a dimensão sensível da existência Michael Mafessoli (1998), sociólogo que embasa este estudo, elucida que é preciso unir o sensível ao inteligível, isto é, a experiência sensível à progressão do intelecto. Sua crítica é justamente em relação à falta do domínio do sensível em nossas vidas, afirma que a tentativa de impor a razão é algo que estará muito presente na modernidade, rompendo com essa ligação do que é inteligível com aquilo que é sensível.

Christoph Türcke (2010) filósofo que estuda como essa dimensão sensível se encontra na contemporaneidade e ao longo da pesquisa será possível perceber sua confirmação com relação àquilo que Mafessoli havia afirmado anteriormente. Türcke (2010) defende que vivemos em uma sociedade excitada, inquieta, estimulada constantemente e violentamente pelos meios de comunicação, porém observa que essa estimulação constante e crescente ao mesmo tempo é restrita, ocorrendo através de choques imagéticos, portanto visuais, por meio de telas e interfaces que nos separam do mundo. Com esta pobre experiência sensível, ficamos a mercê do racionalismo e do avanço tecnológico. É essa reflexão visada como fundamental para o desenvolvimento do trabalho em tela.

A partir da compreensão histórica do desenrolar de diferentes vertentes que estudaram o corpo e a mente, dos momentos em que os nossos sentidos participavam como protagonistas ou simplesmente como coadjuvante em nossas vidas e de como eles são assimilados nos dias de hoje, é que pretendo despertar um olhar para a educação dos mesmos.

Para irmos a fundo nessa temática é preciso se atentar a essa dimensão sensível das coisas, para perceber suas formas de expressão, quando e como ela se manifesta, ou de que forma podemos encontrá-la. Diane Ackerman (1996) autora que compreende que o mundo só pode ser entendido por meio de nossos sentidos, sendo eles a visão, a audição, o olfato, o paladar e o tato. Cada sentido tem suas particularidades e curiosidades, podemos dizer que a visão não está relacionada somente com os olhos, mas também com a imaginação, a lembrança e o sonho, são outras formas de dialogar com a visão. O olfato é o sentido que nos permite conhecer os cheiros, estes são tão precisos, mas dificilmente conseguimos descrevê-los e facilmente conseguimos relacioná-los a uma lembrança. O paladar é o mais desejado, é um sentido muito construído ao longo da vida, apesar de sofrer grande influência cultural, com os anos aprendemos e conhecemos novos gostos e novos sabores. A audição é uma ferramenta muito importante na comunicação, pois é por ela que assimilamos os sons que estão presentes em tudo, até nossos corpos produzem sons próprios. E por fim, mas não menos importante, o tato, este permite percebermos a nós mesmos, os outros e tudo aquilo a nossa volta, as mãos ou o toque é somente uma das formas de alcançar isso, pois o tato compreende o corpo inteiro.

Com base neste contexto, a pesquisa tem o objetivo de traçar uma reflexão voltada para a importância da educação dos sentidos estar inserida na formação das crianças, e posteriormente estimulá-las visando ao autoconhecimento e o desenvolvimento de seus sentidos a partir da apropriação dos mesmos.

## **2 BREVE RECONSTRUÇÃO HISTÓRICA**

“O homem só se habitua a seu lado natural  
com os anos, e só se resigna a ele lentamente,  
orientado para a intelectualidade,  
ele repudia o que é sensual<sup>1</sup>”.

(Thomas Mann, Doutor Fausto apud MAFFESOLI, 1996, p.67)

As autoras Maria Lúcia de Arruda Aranha e Maria Helena Pires Martins (1993) serão a base do tema a ser percorrido. Inicialmente, já é possível encontrar no século V a.C com Platão a dicotomia corpo-consciência. Esse filósofo acreditava na alma humana, a qual é composta de duas partes, uma superior (a alma intelectual) e outra inferior (a alma do corpo). Para Platão esta última perturba o conhecimento verdadeiro, pois escravizada pelo sensível leva à opinião e conseqüentemente, ao erro. Assim era entendida essa relação, o inteligível em domínio do sensível. Em seguida, passemos pela Antiguidade, uma época em que a sociedade era muito influenciada pela religião, com o declínio das atividades mercantis e o retorno ao campo, esse período de crise fez com que se buscasse a fé, principalmente os monges. Com isso, o corpo era sinal de pecado e degradação, começam a desenvolver então práticas de purificação.

Mais adiante, na Idade Média, diversos intelectuais seguiram a avaliação de Aristóteles (citado por TÜRCKE, 2010) que começa também a pensar sobre a temática e já inicia com uma visão diferenciada. A percepção não é algo que acontece passiva e irracionalmente, um trabalho complexo de transformação, no qual os diferentes órgãos sensoriais estão envolvidos, mas a percepção sensorial como infraestrutura do pensamento, permanece-lhe subordinada. Bem mais alto na hierarquia está o pensamento, as faculdades sensoriais em oposição ao intelecto não apreendem a essência das coisas, apenas seus acessórios externos.

Segundo Maffesoli (1996) o intelectualismo é incapaz de captar toda a dimensão sensível da existência. Poder-se-ia falar, a esse respeito, de “doutrinas ascéticas” que vão privilegiar o processo cognitivo em detrimento da vida dos sentidos, sendo o sensível, o

---

<sup>1</sup> Alguém que aprecia as experiências sensoriais.

existente apenas mentira e vaidade, tentação corruptora, algo que temos de desconfiar. Para esse autor, essa tentativa intelectual triunfará na modernidade.

Na Idade Moderna, uma época marcada pelos materialistas, retira-se, assim, o componente religioso para só considerar a natureza física e biológica. O corpo passa a ser visto e entendido através de estudos de anatomia e esse passa a ser objeto da ciência. Com essa nova abordagem materialista, filósofos começam a questionar o mundo e o corpo, como principal expoente deste modo de pensamento há destaque para Descartes (citado por ARANHA; MARTINS, 1993). Esse filósofo considera que o ser humano é constituído por duas substâncias, a pensante (o pensamento) e a material (o corpo), chamado de dualismo psicofísico. Há nesse dualismo uma ideia mecanicista do homem-máquina, do corpo-objeto, torna o corpo autônomo, alheio ao ser humano.

Por volta de 1780, Tücker (2010) já falava da forte tendência de intensificação da percepção pura e simples para a percepção intensificada, ou seja, o alcance do sentido de “sensação” já começava a ser entendido como a questão de “chamar a atenção, estar atento”. Esse é um fenômeno primordialmente urbano, a reação ao rápido crescimento urbano, que muito está presente nos dias atuais, mas que será discutido no próximo capítulo.

Voltando um pouco no tempo, as autoras Aranha e Martins (1993) nos atenta para a corrente filosófica que só encontraremos no século XX, mas que teve seu primeiro momento no século XVII com o filósofo Baruch Spinoza. Esse filósofo parte da teoria do paralelismo, a qual não há nenhuma relação de causalidade ou de hierarquia entre corpo e espírito, mas sim existe a relação de expressão e simples correspondência entre eles. O que se passa em um se exprime no outro. É a abordagem bem próxima das encontradas atualmente. A fenomenologia também é a corrente que tenta superar essas dicotomias corpo-espírito, consciência-objeto e homem-mundo para descobrir nesses polos relações de reciprocidade. O corpo não é coisa, é parte integrante da totalidade do ser humano. O sujeito se revela pelas manifestações corporais, cujo movimento representa um gesto expressivo, que não é apenas corporal, é significativo e nos remete imediatamente à interioridade do mesmo. “Então, o corpo é o primeiro momento da experiência humana. E antes de ser um “ser que conhece”, o sujeito é um “ser que vive e sente”, que é a maneira de participar, com o corpo, do conjunto da realidade” (ARANHA; MARTINS, 1993, p. 315).



**Figura1: Desenhe com o Dedo<sup>2</sup>**

**Fonte: O mundo de Lygia Clark. Disponível em: [www.lygiaclark.org.br/biografiaPT.asp](http://www.lygiaclark.org.br/biografiaPT.asp).**

Porém, o moralismo intelectual tende a se tornar intolerante, no lugar da força bruta do sensível, ele impõe a força bruta do conceito, esclarece-nos Maffesoli (1996). Em seguida, o século XIX só prosseguirá essa via, da violência do pensamento contra o sensível, da ruptura entre o intelecto e o sensível e a redução do conhecimento aos critérios da ciência. (MAFFESOLI, 1996).

---

<sup>2</sup> Um saco plástico resistente, com um mínimo da água no interior, repousa sobre uma superfície plana. O dedo desliza sobre o plástico deslocando conteúdo formando desenho. Disponível em: [www.lygiaclark.org.br/biografiaPT.asp](http://www.lygiaclark.org.br/biografiaPT.asp). Acesso em: 23/09/2011.

## **2.1 OS SENTIDOS NA CONTEMPORANEIDADE**

“... Será que é tempo que lhe falta para perceber?  
Será que temos esse tempo para perder?  
E quem quer saber? A vida é tão rara  
Tão rara...

Mesmo quando tudo pede um pouco mais de calma  
Até quando o corpo pede um pouco mais de alma  
Eu sei, a vida não para  
A vida não para não...”.

OSVALDO LENINE  
(*Paciência*, Acústico MTV, 2006)

Vivemos em uma sociedade excitada e anestesiada pela “compulsão à emissão”, explica o filósofo alemão Christoph Türcke (2010). Tornou-se constante o estado de inquietação geral, de excitação e de efervescência, principalmente no século XX, através de inúmeros estímulos somos expostos a choques imagéticos e visuais dos meios de comunicação de massa que nos mergulham no excitamento contínuo, com caráter de adrenalina, a qual instiga a atenção e assim, provocam uma percepção que permanece. Dificilmente consegue-se dominá-los, Türcke (2010) caracteriza assim que vivemos na “sociedade da sensação”. O que antes essa palavra “sensação” referia-se somente a percepção, hoje essa palavra tem seu significado no campo do espetacular, do chamativo. Assim, também, afirma Maffesoli (1998) que nossa sociedade é animada pelos jogos das imagens, e que podemos caracterizá-la por um estilo que acentua ao mesmo tempo a estética, o cotidiano e o comunicacional.

Com o advento da televisão poderíamos pensar que esta já estaria tão estabelecida no meio social que não mais precisaria se preocupar com os conteúdos sensacionais a serem transmitidos necessariamente ao gosto do público, se não fossem os muitos redatores, repórteres e os inúmeros canais e emissoras disputando a audiência sem descanso, pois esta é uma corrente que atua 24h por dia. A concorrência é a culpada pela crescente espetacularização e enquanto isso, a inovação tecnológica não para de se desenvolver. Os modernos confeccionadores de notícias precisam frequentemente decidir, em questão de minutos ou segundos, quais notícias serão vinculadas. Notícia é aquilo que vale a pena ser comunicado, que seja de interesse do público, ela tem que ser nova, mesmo que ainda nem todos tenham se inteirado dela. O meio precisava ser semanalmente, depois diariamente, alimentado com matérias dignas de serem noticiadas, então se inverteu a lógica da notícia, ao

invés de ela ser comunicada porque é importante passou a ser importante porque é comunicada, isto é, não importava mais o conteúdo da notícia, chamava-se atenção para determinados assuntos e desviava de outros.

Sob uma alta pressão generalizada de notícias é a propaganda que marca o padrão da comunicação de efeito mais forte. A concentração de efeitos audiovisuais no espaço mínimo de tempo representa o desafio estético de primeira grandeza em decadência da imagem do artista-crítico. A propaganda só terá sucesso se adiantar algo do prazer que a compra do produto promete, quem não chama atenção e não causa uma sensação corre o risco de não ser percebido. Um comercial está no ápice quando excita o sistema nervoso como o todo prazerosamente na estrutura sensorial no qual se acredita ser possível cheirar, tocar e provar o produto. A imensa pressão de custo e de tempo faz do comercial audiovisual um laboratório estético-psicológico-fisiológico das formas comunicacionais mais pregnantes. A associação chocante daquilo que não é associável numa propaganda tem apenas o objetivo de chamar atenção certificando-se de que foi notada, pois as mercadorias só tem chance de serem escolhidas se se sobressaírem. Por exemplo, um cabeçalho mais chamativo, uma capa de livro mais excêntrica são detalhes irrelevantes, mas que podem ser decisivos para que um leitor comece a ler um livro.

George Berkeley (1979 citado por TÜRCKE, 2010) referia-se ao fato de que os seres humanos são seres sensíveis, inescapavelmente dependentes das sensações que nossos órgãos sensoriais nos transmitem. O que não for sensação não existe para nós, pois não podemos compreender o mundo ignorando nossos sentidos, então o que não é notado, sentido e percebido simplesmente não é. Não os notar significa não lhes dar atenção, mas não significa não percebê-los no sentido fisiológico da palavra, pois quem está presente com seu corpo não pode deixar de ser percebido, por mais discreto ou tímido que seja. Não se pode existir sem ruídos e gestos corporais, sem determinada postura e expressões faciais.

De acordo com o filósofo Walter Benjamin (1994, p. 169), problematizando a percepção na modernidade capitalista, afirma que:

No interior de grandes períodos históricos, a forma de percepção das coletividades humanas se transforma ao mesmo tempo que seu modo de existência. O modo pelo qual se organiza a percepção humana, no meio em que ela se dá, não é apenas condicionado naturalmente, mas também historicamente

Para Benjamin (1994), os novos elementos técnicos e a nova arquitetura, fortemente moldados pelo ferro e pelo vidro, presentes nas construções físicas das cidades modernas,

contribuíram para o aparecimento de um “novo” homem, de uma “nova” sensibilidade. A opacidade do vidro e a impossibilidade de nele deixar as nossas marcas são parte desta cultura na qual os homens estariam eliminando seus vestígios sobre a terra. A cidade moderna congrega uma série de transformações que modificam as relações espaço-temporais e entre os sujeitos. Para Anthony Giddens (1991), “em condições de modernidade, o lugar torna-se cada vez mais fantasmagórico: isto é, os locais são completamente penetrados e moldados em termos de influências sociais bem distantes deles” (GIDDENS, 1991, p. 07). A cidade moderna é projetada para a fruição de mercadorias, e cada vez mais se desenvolve como “um cenário encantador das compras, do fetiche das mercadorias, e, ao mesmo tempo, escamoteando o caráter que lhe é inerente, dilapidador das relações sociais, das memórias, dos sentidos mais plenos” (GALZERANI, 2005, p. 53).

Com o capitalismo, o desemprego se tornou uma ameaça para a população e essa foi obrigada a levar sua força de trabalho e oferecê-la ao mercado. Segundo a professora Maria Carolina Bovério Galzerani (2005), o conceito de modernidade para Walter Benjamin está intimamente relacionado ao avanço do capitalismo, incluindo “relações sociais de produção, a dimensão cultural, as visões de mundo e as sensibilidades” (GALZERANI, 2005, p.54). Uma produção automatizada contribui com a automatização dos indivíduos. Esse trabalho acostumou o indivíduo a estar sempre ocupado, a ser dependente, e quando o trabalho acaba ou no seu tempo livre não consegue se livrar dessa necessidade, dessa compulsão generalizada para fazer algo, é comum também nos pegarmos fazendo diversas coisas ao mesmo tempo, como por exemplo, escutando uma música, vendo uma revista e comendo um doce. Isto vai além da capacidade de manter tais funções completamente diferentes funcionando simultaneamente ou de mergulhar em um relaxamento distraído, está relacionado a um amortecimento fisiológico de fenômenos de dissociações mentais e o problema está no padecimento crônico delas. Nos últimos 50 anos, com o auxílio de aparelhos de som portáteis, celulares e laptops cada vez mais presentes em todo o mundo, tem-se reforçado e aumentado ainda mais esses comportamentos.

A compulsão à emissão não é qualquer uma, ela corresponde aquilo que Türcke (2010) chama de um mercado microeletrônico. Como é entediante a rotina de cada um diante de tudo aquilo de excitante que as mídias incessantemente veiculam, os estímulos do ambiente do dia a dia não são páreos para a torrente de excitação midiática do espetacular. Essa torrente representa estímulos demais, ataca o sentido de orientação e à sensação de equilíbrio. Apenas na medida em que a percepção é capaz de fixar-se em algo, juntar-se a algo, é que ela pode tornar-se uma unidade concreta de experiência, pode dar coesão ao organismo sensível e é

isso que a torrente impede. É notável como uma sociedade inteira é compelida a aparecer em emissões, a exigir atenção, a criar uma sensação. Já foi interiorizada a lição de ser percebido, onde se emite também se recebe, ser é perceber, quem não tem sensações não é. É característica da era microeletrônica, primeiro “a luta para ser percebido”, e em segundo “a luta pela percepção”. Por um lado, pertence ao organismo como aquilo que lhes é mais próprio, por outro lado, evapora-se na torrente de estímulos (TÜRCKE, 2010).

Não é, necessariamente, o prazer da velocidade, como os sentidos pelos pilotos de corrida, que faz com que o ritmo das imagens seja acelerado, mas é pelo medo de cair no vazio de não ser percebido. As sensações que agitadamente tomam o organismo são precisamente aquelas que o anestesiavam, a quantidade de dados auditivos produzidos em um jovem nas festas noturnas é um exemplo que faz os sentidos ficarem adormecidos. Os reality-shows são um progresso nessa linha, onde estar ao vivo produz sensações de uma vivência autêntica, assim como o cenário em 3D. O instrumento de direcionamento em meio aos estímulos da televisão é conhecidamente o controle remoto, é só apertar um botão e escolher entre as diversas opções de emissoras, basta apenas uma queda de tensão em um programa e o dedo já começa a coçar para trocar de canal.

A televisão conseguiu “trazer o mundo para casa”. A tela que me liga ao mundo todo é também a divisória que me separa dele, gerando um novo estado, o do excluído completamente integrado (TÜRCKE, 2010). Desde que os homens tiveram de passar a ganhar a vida como “apêndices das máquinas”, a agressividade contra elas tem sido um impulso bem humano. Ressalto que para Peter Gay (1988, p.16 apud BUENO, 2007, p. 10) pode-se “... incluir no âmbito da agressão a necessidade que o ser humano tem de controlar seu ambiente por meio de invenções tecnológicas, políticas, sociais e estéticas“. Ela possui formas de expressão, como a moda da tatuagem, por exemplo, uma prática que não pode ser oferecida por nenhuma transmissão de dados, daí a profunda ânsia pelas experiências táteis. Outro exemplo é a busca por atividades de aventura, as quais se referem na maioria das vezes a uma compensação que procuram para uma rotina pobre de experiências. Essa busca por recompensa, por ajuste de contas ou vingança poderia estar relacionada ao comportamento de jovens que se entregam às drogas, atacam colegas ou querem testar seus limites como parte do autodescobrimento. A irritação sensível-insensível deixada nas pessoas não é meramente um produto da televisão, mas de forças globais de um mundo que está prestes a transmitir todos os sinais importantes em telas agindo no sistema nervoso individual. Na maioria desses casos percebe-se uma falta de proporção na relação direta com os seres vivos e com as coisas que estão ao seu redor, como se faltasse contato com eles.

Mostrou-se que a sensação corresponde a todo um complexo de elementos, sendo eles: a percepção, algo subjetivo; a percepção daquilo que chama a atenção; aquilo que chama a atenção, algo objetivo; e a interpenetração e a intensificação recíproca do subjetivo e do objetivo. Ambos são momentos de uma compulsão generalizada a emitir (TÜRCKE, 2010). Não são apenas as convicções científicas que estão sujeitas às mudanças históricas, mas também tudo que diz respeito à percepção, do qual emergem e se transformam, porém mais devagar. Só nos séculos XIX e XX com a velocidade dos saltos tecnológicos foi que a permitiu ser percebida pela primeira vez.

## **3 EDUCAÇÃO DOS SENTIDOS**

### **3.1 PERCEPÇÃO E SENSACÃO**

Para Marilena Chauí (2000) a sensação é o que nos dá as qualidades exteriores dos objetos e os efeitos internos dessas qualidades sobre nós. Na sensação tocamos, vemos, ouvimos as coisas como, as texturas, as cores, os odores, assim como sentimos o quente e o frio, o doce e o amargo, o liso e o rugoso, o vermelho e o azul. Sentimos também qualidades internas como: prazer, dor, agrado etc. Sentir é ambíguo para a autora, pois o sensível é a qualidade que está nos objetos e ao mesmo tempo, o sentimento interno que nosso corpo possui das qualidades sentidas. Sendo assim, a sensação é a reação corporal imediata a um estímulo ou a uma excitação externa, ficando difícil distinguir, no ato da sensação, o estímulo exterior e o sentimento interior. Por isso é comum dizermos que a água está quente ao invés de dizer que sente a água quente. Além do fato, por exemplo, ao ingerirmos um alimento sentimos seu gosto, sua temperatura, sua cor, vários atributos simultaneamente, ou seja, percebemos várias qualidades e as sentimos como integrantes das coisas ou de seres complexos, dificultando fazer referência a apenas uma qualidade. Portanto, diz-se que na realidade não temos uma sensação isolada da outra, mas sim que temos sensações na forma de percepções, isto é, como reunião de muitas sensações. A percepção seria, então, uma síntese de sensações simultâneas.

Continuando, para Chauí (2000), a percepção é o conhecimento sensorial de totalidades organizadas e dotadas de sentido e não uma soma de sensações elementares, sendo o mesmo, sensação e percepção. Esta é uma vivência corporal, de modo que a situação de nosso corpo e as condições dele são tão importantes quanto à situação dos objetos percebidos. O mundo percebido é qualitativo, significativo, estruturado e estamos nele como sujeitos ativos, ou seja, damos às coisas percebidas novos sentidos e novos valores, pois elas fazem parte de nossas vidas, de nossas histórias e fazem parte de nosso mundo e de nossas vivências. A percepção envolve toda nossa afetividade, nossa história pessoal, nossa personalidade, nossos desejos e paixões, isto é, a percepção é a maneira fundamental dos seres humanos estarem no mundo.

Já Michel Onfray (2008), supõe ser mais interessante a distinção conceitual na qual a sensação é o trabalho biológico dos sentidos em contato com o mundo, sem intenção, representação ou qualquer outra atividade intelectual, ao passo que a percepção é a sensibilidade ordenadora, a qual ocorre de acordo com a estrutura mental, personalidade e cultura do sujeito.

Também Maurice Merleau-Ponty (1994) corrobora nessa última visão, entende que a sensação é a maneira pela qual se é afetado e a experiência de um estado dele mesmo. “A sensação pura será a experiência de um “choque” indiferenciado, instantâneo e pontual” (MERLEAU-PONTY, 1994, p. 23). O vermelho e o verde não são sensações, são sensíveis, e a qualidade não é um elemento da consciência, é uma propriedade do objeto, a pretensa evidência do sentir não está fundada em um testemunho da consciência. Nós acreditamos saber muito bem o que é “ver” e “ouvir”, porque há muito tempo a percepção nos deu objetos coloridos ou sonoros. Quando queremos analisá-la, transportamos esses objetos para a consciência. O visível é o que se apreende com os olhos, o sensível é o que se apreende pelos sentidos.

Voltando um pouco para a linha de pensamento de Chauí, outros autores também pontuam quanto a essa discussão, assim faz John Locke<sup>3</sup> (1981 apud TÜRCKE, 2010, p. 99) dizendo que:

Quando nossos sentidos entram em contato com determinados objetos perceptíveis sensorialmente, então fornecem ao espírito uma série de percepções diferentes das coisas [...]. Dessa forma chegamos às ideias que temos de amarelo, branco, quente, frio, suave, duro, amargo e doce, e de tudo que chamamos de qualidades perceptíveis sensorialmente. Quando digo que os sentidos fornecem ao espírito, quero dizer com isso que fornecem, a partir dos objetos do mundo exterior ao espírito, aquilo que a percepção desencadeia nele. A essa importante fonte da maioria de nossas ideias, que dependem totalmente de nossos sentidos e que por estes são fornecidas ao entendimento, chamo de sensação.

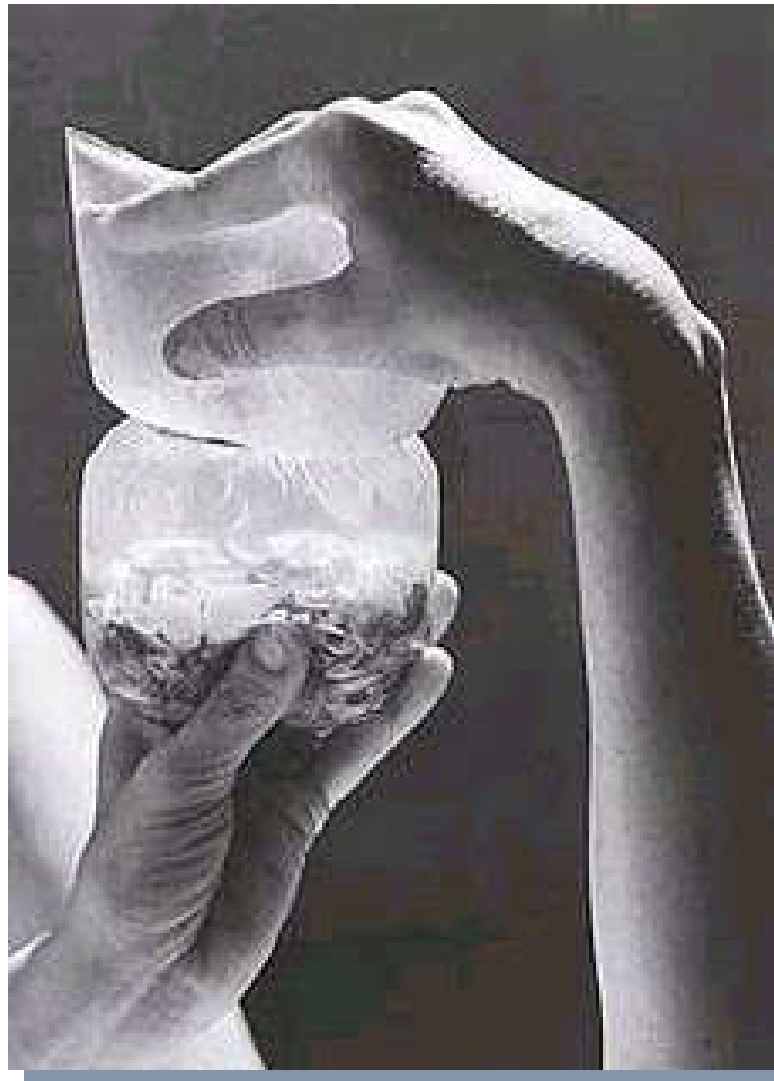
Ou seja, esclarece que a sensação não é mais como duas coisas distantes onde de um lado estão os sentidos, que apenas sentem e percebem o mundo, e do outro lado o intelecto, que conhece por meio de conceitos, mas a percepção converte-se ela mesma em uma forma de conhecimento, o conhecimento como outra forma do perceber, e a mesma instância o espírito é responsável por ambos. Há várias sensações ou ideias impressas nos sentidos, por mais

---

<sup>3</sup> Cf. J. Locke, *Versuch über den menschlichen Verstand*, Livro II, Cap. I, 2. Hamburgo, 1981, p. 108.

misturados ou combinados, não podem existir sem um espírito que as perceba. Para Locke (1981 apud TÜRCKE, 2010) a sensação significa basicamente a excitação dos sentidos, tanto aquela que é dada por estímulos exteriores quanto aquela que circula interiormente pelo corpo. Assim também, as ideias (os estados mentais) não são mais do que excitações, e o espírito é o foco no qual o corpo sente essas excitações como suas. Estas ideias não são estáticas, são reguladas, estabilizadas e transformadas internamente. Sua conclusão é de que onde há diferentes formas de percepção, deve haver diferentes fontes de conhecimento.

Entretanto, diante das várias concepções, a que irá fundamentar o estudo é a definida por Chauí (2000) e complementada por Locke (1981 apud TÜRCKE, 2010), a qual não dissocia os sentidos do intelecto, dificultando a separação do que é sensação e percepção.



**Figura2: Água e Conchas<sup>4</sup> (Lygia Clark, 1996).**

**Fonte: O mundo de Lygia Clark. Disponível em: [www.lygiaclark.org.br/biografiaPT.asp](http://www.lygiaclark.org.br/biografiaPT.asp).**

---

<sup>4</sup> Um saco plástico que contém água e conchas. Um elástico divide um saco em duas partes simétricas, sem isolá-las por completo. Assim as conchas se deslocam por seu interior cada vez que o objeto se move. Disponível em: [www.lygiaclark.org.br/biografiaPT.asp](http://www.lygiaclark.org.br/biografiaPT.asp). Acesso em: 23/09/2011.

### **3.2 OS CINCO SENTIDOS**

Sou um guardador de rebanhos,  
O rebanho é os meus pensamentos  
E os meus pensamentos são todos sensações.  
Penso com os olhos e com os ouvidos  
E com as mãos e os pés  
E com o nariz e a boca.

Pensar uma flor é vê-la e cheirá-la  
E comer um fruto é saber-lhe o sentido.

Por isso quando num dia de calor  
Me sinto triste de gozá-lo tanto,  
E me deito ao comprido na erva,  
E fecho os olhos quentes,  
Sinto todo o meu corpo deitado na realidade,  
Sei a verdade e sou feliz.

FERNANDO PESSOA (1986)

Com a finalidade de trazer elementos mais objetivos para o estudo, cabe discorrer sobre os cinco sentidos do corpo humano.

A **visão** se uniu à moral para escravizar nossos sentidos à fraqueza vital e cegar-nos frente ao mundo, elucida Odilon Roble (2008). Por um lado, a criança vive um cotidiano de muitas imagens, aceleradas e sem permanência, por outro, uma educação econômica e moral do olhar. Isso começa, por exemplo, no quarto de uma criança que hoje está impregnado de parafernálias de toda ordem, por isso não conseguem se apegar a um brinquedo. A pintora Georgia O'Keeffe (apud ACKERMAN, 1996, p. 319) afirma que “De certa maneira, ninguém vê realmente uma flor; é tão pequena, não temos tempo – e ver leva tempo...”.

É só abrir os olhos e mil e uma imagens surgem à sua frente sem pedir licença. Roble (2008) nos atenta que para a educação da visão é preciso, primeiramente, querer olhar, ter prazer em olhar e não apenas prazer no que viu. Existem diversas formas de ver e uma delas é sem os olhos, relembrando, imaginando, sonhando. É relevante, então, fazer dialogar suas visões, apreendendo o que cada uma delas tem para ensinar a outra.

Os nossos olhos são os grandes monopolizadores de nossos sentidos, setenta por cento dos receptores dos sentidos do corpo humano estão localizados nos olhos, e é principalmente por meio da visão do mundo que o podemos julgar e entendê-lo. Existe muito mais na visão

do que simplesmente no enxergar, a imagem visual é uma espécie de estimuladora das emoções e os olhos são os únicos especialmente hábeis na percepção simbólica.



**Figura 3: Óculos<sup>5</sup>**

**Fonte:** O mundo de Lygia Clark. Disponível em: [www.lygiaclark.org.br/biografiaPT.asp](http://www.lygiaclark.org.br/biografiaPT.asp).

O **olfato** segundo Roble (2008), está associado aos procedimentos animais, pois exige proximidade, movimentos toscos das narinas e um comportamento mais ativo. Diz também ser o maior dos descasos em nossa cultura, mas Ackerman (1996, p. 26) demonstra sua importância dizendo que “Se cobrirmos os olhos, deixaremos de ver, se taparmos as orelhas, deixaremos de ouvir, mas se bloquearmos o nariz para não sentir mais cheiros, morreremos”.

Basta percebemos um aroma, e as lembranças surgem todas imediatamente. Podemos detectar mais de dez mil odores diferentes, tantos, que se tivéssemos que explicar tudo o que representam, nossa lembrança falharia. Nosso olfato é extremamente preciso, mesmo que seja muito difícil descrever um cheiro para alguém que nunca o sentiu antes, esse é o sentido mudo, o que não tem palavras. Os cheiros são as coisas mais íntimas que possuímos, e mesmo

---

<sup>5</sup> Óculos (de mergulho adaptado) unidos a peças metálicas dobráveis, formando um conjunto que se estira e se contrai. Unida transversalmente às peças metálicas, uma haste de metal sustenta dois espelhos circulares de dupla face. A haste se converte em eixo para o movimento de rotação dos espelhos, e sua prolongação até o exterior do conjunto funciona como peça de manipulação para o participante. Os quatro espelhos fragmentam a percepção visual do espaço circundante. Disponível em: [www.lygiaclark.org.br/biografiaPT.asp](http://www.lygiaclark.org.br/biografiaPT.asp). Acesso em: 23/09/2011.

assim não conseguimos lembrar seus nomes, são indescritíveis, então temos a tendência de descrever o que nos fazem sentir, como por exemplo, alguma coisa cheira agradável ou enjoativa. Deveria haver uma palavra que pudesse designar o cheiro da cabeça de uma criança ainda não poluída pela vida e pela alimentação.

Cada um exala um cheiro, os bebês reconhecem suas mães pelo cheiro, afirma Carla Caruso (2009). Mas existe uma sensação coletiva de constrangimento quanto aos odores, os perfumes “vestem” as pessoas contra as deselegâncias odoríficas naturais da carne, acrescenta Roble (2008). Para propor uma educação do olfato hoje é difícil ir além de simplesmente oferecer possibilidades olfativas e valorizá-las.



Figura 4: Máscaras Sensoriais<sup>6</sup>

Fonte: O mundo de Lygia Clark. Disponível em: [www.lygiaclark.org.br/biografiaPT.asp](http://www.lygiaclark.org.br/biografiaPT.asp).

O **paladar** é o mais desejado, mas também é aquele para o qual se direcionaram as restrições impostas pela sociedade através da mídia. Por um lado, é você que escolhe o que quer comer e se quer comer, por outro o alimento é posto a você, pois este é cultural, cada

<sup>6</sup> Máscaras idênticas feitas de tecidos, que só variam pelos estímulos sensoriais que as caracterizam e as cores que as designam. As máscaras tem cheiros distintos, dispositivos especiais que alteram a audição e uma espécie de éculos com perspectivas visuais diversas, segundo o projeto de cada máscara. O participante, ao por a máscara, experimenta sensações novas que oscilam desde a integração ao mundo que o rodeia até uma interiorização que chega ao isolamento absoluto. Disponível em: [www.lygiaclark.org.br/biografiaPT.asp](http://www.lygiaclark.org.br/biografiaPT.asp). Acesso em: 23/09/2011.

país tem suas especialidades. Além do fato do paladar ser extremamente social, dificilmente os seres humanos escolhem comer sozinhos, todas as culturas usam o alimento como sinal de aprovação e comemoração.

Ackerman (1996) nos trás uma curiosidade, de que ao longo da história e em muitas culturas, o paladar ou “gosto” sempre teve duplo sentido, o de julgamento ou teste. Por isso, falamos que uma pessoa tem bom gosto ou não.

O olfato contribui muito para o paladar, frequentemente cheiramos algo antes de prová-lo, não é por acaso que eles dividem um túnel de ventilação comum. Além disso, podemos notar que ao ficarmos resfriados, doentes dificilmente conseguimos sentir o gosto dos alimentos. O sabor de um alimento inclui textura, o cheiro, temperatura, cor, dor, até mesmo os ruídos sonoros provocados na mastigação. Os engenheiros dos alimentos criam os produtos para atingir o maior número possível de nossos sentidos.

Não existem duas pessoas que sintam o mesmo gosto, este é adquirido ao longo de nossas vidas, um bebê não nasce gostando de café, por exemplo. Então, a família e a escola tem grande influência nesse processo, por isso a importância de uma boa orientação alimentar. Sendo assim, Roble (2008) elucida que a culinária e o paladar podem ser parceiras de uma mesma educação dos sentidos, se o foco for o dos sabores, das combinações, dos preparos, das transformações e não o da receita, das medidas, das porções, da química, da higiene.

A **audição** reduziu-se a escutar a ordem, o dever, o saber dos mais velhos. O desespero eterno dos docentes é não serem ouvidos. Explica Roble (2008), que não se trata de ter paciência, educar a audição não é educação musical, é oferecer muitos estímulos, e mais, oferecê-los, ao menos às vezes, isoladamente, pois é muito comum estar acompanhado de um estímulo visual. Separar a audição e concentrar-se nela é tarefa educativa das mais sérias e revolucionárias. É evitar que a música não chegue a domar os ouvidos infantis antes do prazer sensorial.

Tudo produz algum ruído, dependemos do som como auxílio para interpretar, comunicar e expressar o mundo em torno de nós. Os sons tem que ser localizados no espaço, identificados pelo tipo, intensidade e outras afeições. John Cage (apud ACKERMAN, 1996) declara a inexistência do silêncio, mesmo que não ouçamos o mundo lá fora, ouvimos o sussurrar, as palpitações, o latejar de nossos corpos, os possíveis zumbidos ou estalos, mesmo pessoas surdas relatam grande variedade de sons que ouvem. A maioria das pessoas se tivesse que escolher entre a audição ou a visão escolheria a segunda, mas pessoas com essas deficiências lamentam mais a perda da audição, Ackerman (1996, p. 233) cita o exemplo de Helen Keller:

“Sou tão surda quanto cega. Os problemas da surdez são mais profundos e complexos, senão mais importantes, do que os da cegueira. A surdez representa desgraça muito pior, pois significa a perda do estímulo mais vital – o som da voz que nos traz a linguagem, que agita os pensamentos e permite que permaneçamos na companhia intelectual do homem”.<sup>7</sup>

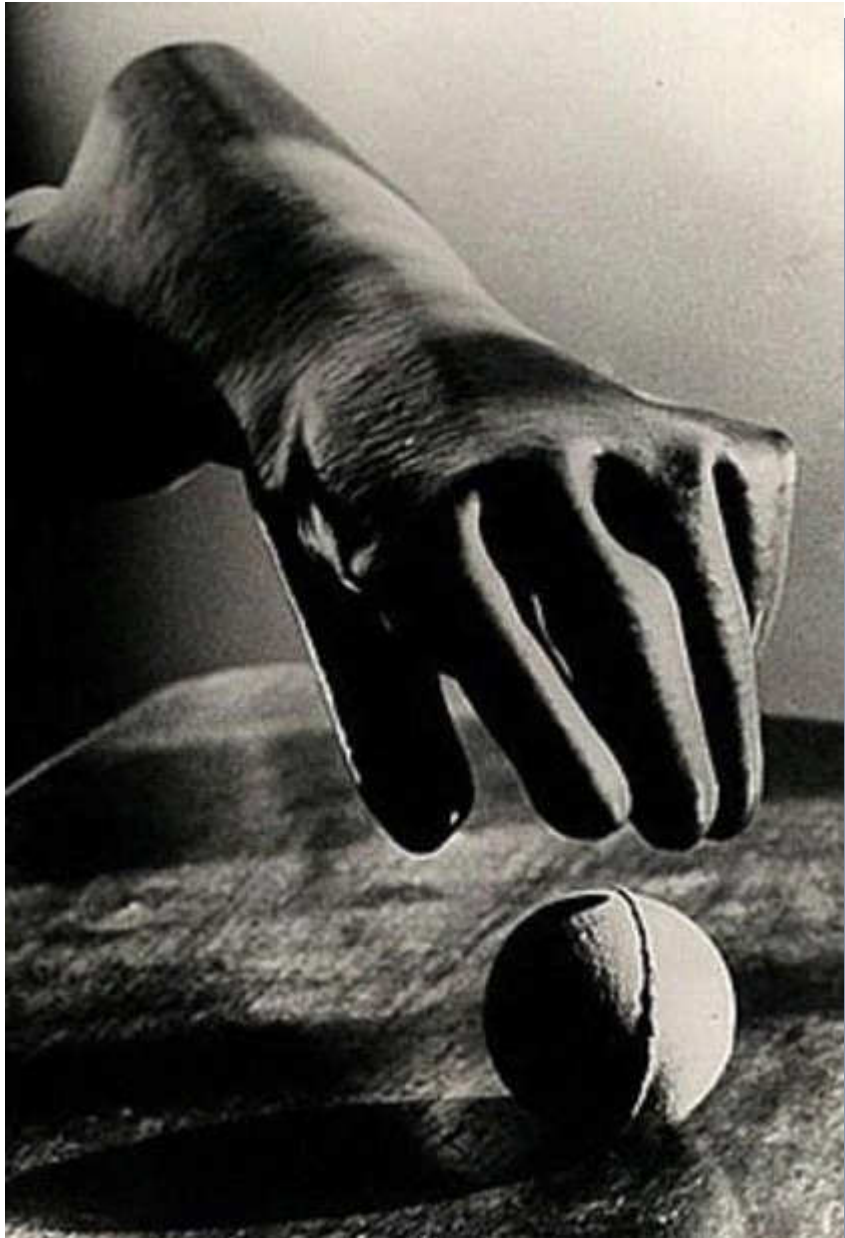
O **tato**, para Caruso (2009), ajuda o cérebro a identificar e perceber a nós mesmos, as outras pessoas e tudo que está a nossa volta. As mãos são nossas aliadas na percepção e no fazer diário, trabalham nas coisas mais funcionais e simples como, lavar a louça ou fazer uma figura em argila. Enquanto para Roble (2008), muitos empobreceram a associação entre o tocar e o tato, limitando uma educação do corpo. O toque é apenas mais um dos estímulos táteis. É, portanto, o esforço de integrar-se às substâncias concretas, é uma educação de pouca roupa, pouca higiene e quase nada seletiva.

Todos os sentidos apresentam pelo menos um órgão principal a ser estudado, exceto o tato, cujo órgão é a pele, a qual se estende por todo o corpo. O tato é um sistema sensorial, frequentemente está associado aos outros sentidos, afeta todo o organismo, assim como sua cultura e os indivíduos com quem entra em contato. Se o tato não fosse uma sensação gostosa, não existiriam as espécies, as famílias ou a sobrevivência. Além desse caráter prazeroso, diversas pesquisas mostram que essa estimulação tátil é de suma importância para o desenvolvimento psicológico e físico da criança, diz Ackerman (1996) que o tato parece ser tão necessário quanto a luz solar.

O tato, auxiliando e esclarecendo o que os olhos veem, nos ensina que a vida tem profundidade e contornos, faz com que sintamos o mundo e a nós mesmo tridimensionalmente. Esse sentido é tão importante em situações emocionais, que somos levados a tocar-nos da maneira que gostaríamos que os outros nos consolassem, todos os dias de nossas vidas, olhamos para, falamos com e escutamos todos os tipos de pessoas, mas tocá-las é algo especial. Até mesmo um estímulo tátil tão sutil não passa despercebido do subconsciente.

---

<sup>7</sup> Trechos extraídos de uma carta escrita ao Dr. J. Kerr Love, em 31 de março de 1910, do programa de comemoração à visita de Helen Keller a Queensland Adult Deaf e Dumb Mission, em 1948.



**Figura 5: Luvas Sensoriais<sup>8</sup>**

**Fonte: O mundo de Lygia Clark. Disponível em: [www.lygiacklark.org.br/biografiaPT.asp](http://www.lygiacklark.org.br/biografiaPT.asp).**

---

<sup>8</sup> Luvas de diversos materiais e tamanhos. Bolas de distintas dimensões e texturas. Os participantes pegam as bolas com as mãos, usando luvas e com as mãos nuas, assim, são obrigados a redescobrir o tato. Disponível em: [www.lygiacklark.org.br/biografiaPT.asp](http://www.lygiacklark.org.br/biografiaPT.asp). Acesso em: 23/09/2011.

### **3.3 A BUSCA POR UMA RAZÃO SENSÍVEL**

“[...] Creio no mundo como num malmequer,  
 Porque o vejo. Mas não penso nele  
 Porque pensar é não compreender...  
 O Mundo não se fez para pensarmos nele  
 (Pensar é estar doente dos olhos)  
 Mas para olharmos para ele e estarmos de acordo...  
 Eu não tenho filosofia: tenho sentidos...”.  
 FERNANDO PESSOA (1986)

A noção de sociedade civil coloca os indivíduos como racionais e autônomos que, mecanicamente, empenham-se em prol do bem comum. A característica essencial do racionalismo é a maneira classificatória, que quer que tudo entre em uma categoria explicativa e totalizante. Assim é negada a exaltação do sentimento da vida que, em qualquer tempo e lugar, é a principal manifestação do ser.

A moda, os jogos televisionados e até mesmo os programas políticos são julgados e apreciados em função de sua capacidade de fornecer sonho a uma massa cada vez mais ávida de emoções, como relacionado anteriormente e principalmente com Türcke (2010). Os acontecimentos excepcionais, os grandes momentos que pontuam a vida dos indivíduos, dos grupos sociais, das instituições, ou até dos países são, em última análise, bem raros. Todos esses rituais cotidianos, aos quais não se presta atenção, que são mais vividos do que conscientizados, são esses que constituem a verdadeira densidade da existência individual e social.

É de grande relevância acrescentar aqui a periodização proposta por P. Sorokin<sup>9</sup> (apud MAFFESOLI, 1996, p.75):

[...] que considera que existem períodos “sensualistas” (sensate), e outros que são racionalistas (...). As formas “sensualistas” e “racionalistas” puras nunca existem enquanto tais, cada uma dentre elas está sempre contaminada muito ou pouco, por sua oposta, mas enquanto *tendência*, tal periodização é iluminadora. Ora, é preciso notar que os períodos sensualistas não se reduzem aos sentidos, à sensualidade, ao sensível, mas ao contrário, integram, ao lado desses parâmetros, a dimensão intelectual ou espiritual.

---

<sup>9</sup> Cf. P. Sorokin, *Social and Cultural Dynamics*. Boston, 1957, p. 24-28.

O vasto domínio vivo da socialidade por um lado, está impregnada de comunicação verbal, a partir da qual é possível elaborar algumas leis gerais, mas por outro lado, há também a presença daquilo que podemos classificar de comunicação não verbal, sendo essa bem delicada de apreender com precisão. Para Maffesoli (1996) é o domínio do sensível que ainda avaliamos bastante mal, e do qual é difícil apreciar os efeitos.



**Figura 6: Diálogo de Mãos<sup>10</sup>**

Fonte: O mundo de Lygia Clark. Disponível em: [www.lygiaclark.org.br/biografiaPT.asp](http://www.lygiaclark.org.br/biografiaPT.asp).

---

<sup>10</sup> Uma fita de Moebius elástica ata os pulsos dos participantes, que dialogam com movimentos das mãos. Disponível em: [www.lygiaclark.org.br/biografiaPT.asp](http://www.lygiaclark.org.br/biografiaPT.asp). Acesso em: 23/09/2011.

Com isso, recorro a Maffesoli (1996) que percebe que a sociedade não é apenas um sistema mecânico de relações econômico-políticas ou sociais, mas um conjunto de relações interativas, feito de afetos, emoções, sensações que constituem o corpo social, um conjunto sobre um movimento irreprimível de atrações e repulsões. Essa temática da “atração” chamou atenção de P. Tacussel<sup>11</sup> (citado por MAFFESOLI, 1996) que serve para entender esses fenômenos de sociedade que são as diversas agregações sociais, quer sejam espontâneas ou não, vão além das causalidades racionais, observa-se um desejo de estar-junto que, sendo não consciente não deixa de ser poderoso. E esse desejo integra boa dose de sensibilidade, todos os sentidos (visual, olfativo, tátil, auditivo e gustativo) participam deles.

Ainda com esse autor, pode-se dizer que a sensação compreendida num conjunto é fator de relação social, pois se analisarmos a impressão de conjunto, recolhem-se elementos que podem remeter a essa ou aquela sensação que considerada em si mesma, é pouco atraente. Por exemplo, o frio ou o barulho em uma discoteca pode não ser agradável, mas aliados, no primeiro caso a uma paisagem ou a prática do esqui, e no segundo a uma companhia, dão a sensação de bem-estar e de um bem-estar-junto (MAFFESOLI, 1996).

Assim como Türcke (2010) afirma que as sensações estão a ponto de se tornar as marcas de orientação da vida social como um todo, Maffesoli (1996) também diz que o sensível não é mais um fator secundário na construção da realidade social. Numerosos são os indícios que acentuam seu aspecto essencial. É preciso considerar o sensível como elemento central no ato de conhecimento.

É bem contra o progresso da razão que convém propor um conhecimento, ou até mesmo uma sabedoria de vida que repouse sobre a consideração do sensível. Cabe lembrar que ater-se à vivência, à experiência sensível não é negar o saber, muito pelo contrário, é enriquecer o saber. É recusar a qualidade científica da reflexão. É, por fim, reconhecer que, assim como a paixão está em ação na vida social, também tem seu lugar na análise que pretende compreender esta última. Para elaborar uma verdadeira “razão sensível” é preciso buscar a lógica interna que move as coisas e as pessoas, reconhecer a parcela de imaginário que as impregna, levando em conta o “dado”, reconhecendo-o como tal e respeitando suas coibições. Pois explica João Batista Freire (1991) que a inteligência é muito mais que um jogo de raciocínios lógicos e de representações mentais, ela inclui à atividade racional os gestos, os desejos, os constrangimentos de cada pessoa.

---

<sup>11</sup> Cf. P. Tacussel, *L'attraction sociale*. Paris, Méridiens, Klincksieck, 1984.

O vitalismo<sup>12</sup>, para Maffesoli (1998), transpira por todos os poros da pele social, não se pode reduzi-lo à unidade da razão. É preciso aliar o inteligível ao sensível, integrar a experiência sensível espontânea à progressão intelectual que poderá reencontrar a interação da sensibilidade e da espiritualidade, e assim alcançar a profundidade das maneiras de ser e dos modos de vida pós-modernos que repousam sobre a iluminação pelos sentidos.

Assim também pensa Freire (1991), elucida que há várias maneiras de ver as coisas que não apenas com os olhos, assim como há várias maneiras de pensar que não apenas com o cérebro. O inteligível viaja constantemente das profundezas do espírito para a periferia dos membros, de modo a poder realizar as adaptações necessárias e o sensível transpõe as fronteiras do espírito e enxerga mais que enxergaria mil olhos. O espírito sente e os segmentos corporais pensam, e assim é impossível pensar um separadamente do outro (FREIRE, 1991).

Primeiramente, percebe-se que o inteligível só aparece mediado pela fala e pela escrita, por isso não seria visível como o sensível, já este estaria na periferia do ser, estaria “à flor da pele”. O sensível seria aquele que se mostra a todo o momento, nas mais diversas expressões, como se todo o corpo fosse sensibilidade. É como se o inteligível não se entranhasse no corpo, mas dele fizesse uso para manifestar a lógica da existência. Porém, Freire afirma que esses conceitos são falsos e recusa-se a pensar que o corpo é apenas um veículo ou instrumento da mente, defende que o inteligível também existe na periferia do ser, pode-se vê-lo em cada gesto, a própria originalidade destes é uma prova de inteligência assim como o sensível foi-se deslocando cada vez mais para o interior do ser (FREIRE, 1991).

Paulo Cunha e Silva<sup>13</sup> (apud SALGADO, 2003) anuncia o erro e a mudança feita por Damásio<sup>14</sup> na obra de Descartes no “existo, logo penso” para “existo, logo sinto e por isso penso”. A partir dos seus estudos de cartografia cerebral, afirma que não há uma razão pura, e sim uma razão temperada pela emoção, a qual flexibilizaria a razão, emprestar-lhe-ia um suplemento de inteligência. Damásio (apud SALGADO, 2003, p. 32) continua dizendo que “É provável que as estratégias da razão humana não se tenham desenvolvido, quer em termos evolutivos, quer em termos de cada indivíduo particular, sem a força orientadora dos mecanismos de regulação biológica, dos quais a emoção e o sentimento são expressões notáveis”.

<sup>12</sup> Admite-se um princípio vital, uma força de vida, do qual faz depender as ações orgânicas.

<sup>13</sup> Cf. Paulo CUNHA e SILVA, *O lugar do corpo*, p.48.

<sup>14</sup> Antonio DAMÁSIO, *O erro de Descartes*, p.14.

Para fechar esse capítulo trago Diane Ackerman (1996), poeta e cientista que nos esclarece que não existe maneira de compreender o mundo sem antes detectá-lo por meio de nossos sentidos. Podemos até aprimorá-lo com a ajuda de microscópios, telescópios, aparelhos de audição, entre muitos outros, mas não podemos saber o que está além deles. Diz assim que “Os sentidos definem os limites da consciência [...]” (ACHERMAN, 1996, p. 15). Continua explicando que quando nos descrevemos como pessoas sensíveis, queremos dizer que somos conscientes, ou melhor, que somos possuidores de percepção sensível. “Você perdeu os sentidos!”, alguém grita sem acreditar no que está vendo.

Ackerman nos atenta que para começarmos a compreender a febre excitante que é a consciência, precisamos tentar entender os sentidos, como vem se transformando historicamente, como podem ser aguçados, quais são seus limites, com relação a quais temos tabus arraigados e o que nos podem ensinar sobre o mundo fascinante que temos o privilégio de habitar. Para compreender então, temos que usar nossas mentes. A maioria das pessoas pensa na mente como localizada na cabeça, mas “[...] as últimas descobertas da fisiologia sugerem que a mente não se encontra exatamente no cérebro, mas percorre o corpo em caravanas de hormônios e enzimas, ocupadas em dar sentido às maravilhas que catalogamos como tato, paladar, olfato, audição e visão” (ACHERMAN, 1996, p. 19).

### **3.4 IMPLICAÇÕES PEDAGÓGICAS**

Tendo como referência Soares et al (1992) pode-se dizer que a perspectiva da Educação Física escolar tem contribuído historicamente para a defesa dos interesses da classe no poder, mantendo a estrutura da sociedade capitalista, tendo como objeto de estudo o desenvolvimento da aptidão física do ser humano. Apoia-se nos fundamentos da sociologia, filosofia, antropologia, psicologia e da biologia para educar o homem forte, ágil, apto, empreendedor, que disputa em uma sociedade competitiva de livre concorrência uma situação social privilegiada dentro dessa sociedade capitalista. O conhecimento ensinado e esperado que o aluno apreenda é o exercício das atividades corporais que lhe permitam atingir o maior rendimento de suas capacidades físicas. Esse quadro educacional está muito presente nas escolas atualmente, por isso as aulas de Educação Física em sua maioria se direcionam a prática somente dos esportes acompanhado do exercício do alto rendimento. Outro quadro também muito presente nessas aulas, é o do “rola bola”, ou seja, aula livre, sem nenhum direcionamento de atividades por parte do professor.

A autora Maria Julia Stella Martins (2007) nos mostra que essa mesma situação pode ser estendida para as práticas de dança, em geral o *ballet*, que com seus gestos repetitivos se aproxima mais de uma aula de adestramento gestual, sem nenhuma produção criativa/expressiva e em geral os resultados estéticos são lamentáveis. As práticas em artes cênicas, muitas vezes, são reduzidas à declamação de um texto decorado pelos alunos. As aulas de música também sofrem de um “tradicionalismo” que lhes inibe a criação, estão muito preocupados com as partituras e a execução de determinadas peças consagradas, restringindo-se da prática o desenvolvimento da escuta e à criação de uma identidade sonora. As aulas de artes, em grande parte, resumem-se aos trabalhos relacionados a datas comemorativas: máscara para o carnaval, flores para o dia das mães, cocar para o dia do índio, coelho para a páscoa, bandeirinhas para a festa junina.

Com isso, é possível perceber que a sensibilidade tem recebido pouca atenção nos processos educativos formais. É difícil crianças e jovens, atualmente, terem vivências e experiências diretas com a natureza das coisas, com os outros do seu meio, pois os professores não permitem o diálogo com o mundo fora do uso da racionalidade cultural e científica (KUNZ et al, 2004). Em contrapartida, como já foi dito, há a superestimulação dos sentidos, em parte por influência midiática (TÜRCKE, 2010), levando o ser humano à busca sensorial ensimesmada. A capacidade do ser humano relacionar-se com o outro, nesse contexto,

intensifica um problema moderno já há muito identificado por Ashley Montagu (1988), o da atrofia do universo da comunicação não-verbal. Alguns autores têm apontado a importância da escola valorizar tal dimensão da vida humana, entre eles, alguns no campo da Educação Física, uma vez que essa área tem o corpo e seu movimento como objetos centrais de estudo.

O corpo como suporte da vida sensível, deve ser engrandecido, e é com essa única condição que ele será levado em conta. “Educar para o prazer da vida, educacionalmente, é perceber a tomada do mundo pelos meus sentidos. É mais do que estímulo-resposta biológico, é meu vitalismo em si, pulsando pela vida e acolhendo-a em meu corpo.” (ROBLE, 2008, p. 100).

Nessa orientação, podemos nos valer de um pressuposto da obra de Benjamin (1994) no qual a percepção sensível é histórica, ou seja, a percepção, os sentidos e as sensibilidades são educados e educáveis. Assim o faz, por exemplo, Freire (2003, p. 126) que sugere a educação dos sentidos como base do ensino da Educação Física, diz ele:

Como pedagogos, temos de lidar, antes de mais nada, com a hipótese educacional, segundo a qual as pessoas precisam ser educadas para ter acesso a uma cultura mais elaborada. Portanto, é preciso saber ver, ouvir, cheirar, saborear e tocar, o que equivale a dizer que os sentidos devem ser educados tanto quanto o pensamento lógico ou moral.

A educação do sensível<sup>15</sup> busca trabalhar em favor do refinamento de nossos sentidos, que nos colocam face a face com o mundo. Isso significa dirigir nossa atenção de educadores para aquele saber primeiro que veio sendo sistematicamente preterido em favor do conhecimento intelectual, não apenas no interior das escolas, mas, também, no âmbito familiar de nossa vida cotidiana. Para Duarte Jr. (2000, p.169):

O inteligível e o sensível vieram, pois, sendo progressivamente apartados entre si e mesmo considerados setores incommunicáveis da vida, com toda a ênfase recaindo sobre os modelos lógico-conceituais de se conceber as significações. No entanto, em larga medida, a nossa atuação cotidiana se dá com base nos saberes sensíveis de que dispomos, na maioria das vezes sem nos darmos conta de sua importância e utilidade. Movemo-nos entre as qualidades do mundo, constituídas por cores, odores, gostos e formas, interpretando-as e delas nos valendo para nossas ações, ainda que não cheguemos a pensar sobre isso.

---

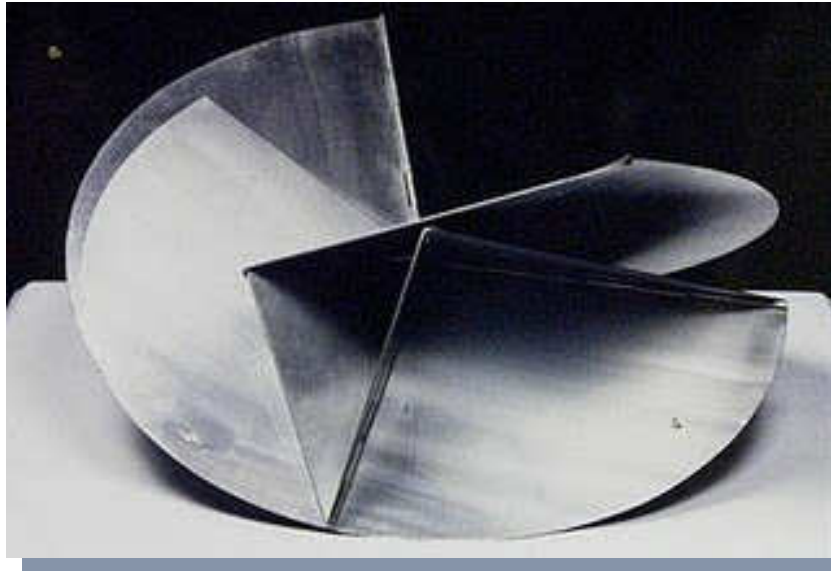
<sup>15</sup> Educação do Sensível, termo desenvolvido por João Francisco Duarte Jr.

Segundo Aranha e Martins (1993, p. 315) é possível interagir corpo e consciência, o sensível e o inteligível de diversas maneiras, como por exemplo, com o trabalho, com a educação física, com a sexualidade, até mesmo com a dor e a doença e com as atividades gerais do conhecimento, da emoção e da vontade, pois o ser humano é uma unidade que pensa, sente, quer e age.

Uma artista que pode vir a acrescentar bastante nessa temática discutida nesse capítulo é Lygia Clark, uma pintora e escultora brasileira contemporânea que auto intitulava-se “não-artista”. Criticando a forma que vivemos nos dias atuais, inseridos em um mundo midiático, onde trabalhamos, convivemos e nos divertimos por meio de telas que nos dizem o que fazer e nos guiam aonde queremos chegar, acredita que a arte precisa estar a serviço da libertação do ser humano que hoje existe em comunidades, perfis online. Clark deu o objeto da arte na mão de seu interlocutor e estabeleceu que a “arte é o seu ato”. Fundou a arte participativa e compartilhada desde então, destravou as portas do inconsciente e propunha isso como manifestação artística transcendental. Objetos sensoriais e relacionais, entre muitos outros artefatos, abriam um canal direto com o primitivo interior, criando um estado de autoconhecimento revelador e, por isso, libertador. Diz-se que o mundo de Lygia Clark é hoje um antídoto para o veneno da modernidade.

Martins (2007) faz um parâmetro geral das obras de Lygia Clark. Em 1954, produz uma série de quadros (*Modulares e os Contra-Relevos*), na traição da abstração geométrica, em que a moldura é fagocitada para dentro do quadro, deixando de ser limite para tornar-se parte integrante da obra. Algumas inovações alteraram a natureza do quadro e o sentido do mesmo. No período de 1960 a 1964, seu trabalho passa questionar o objeto como obra arte ao ponto em que o objeto deixa de existir como obra e passa a ser suporte da ação do espectador-autor. Esse deixa o estado passivo e é transportado para um estado convidativo de ação e interação com o objeto. Com isso, primeiro cria os *Bichos* (1960) esculturas articuladas e manipuladas pelo público, retomando a linha como dobradiça e a obra salta para o plano tridimensional. Clark (1960 apud MARTINS, 2007, p. 27) explica o sentido do *Bicho*:

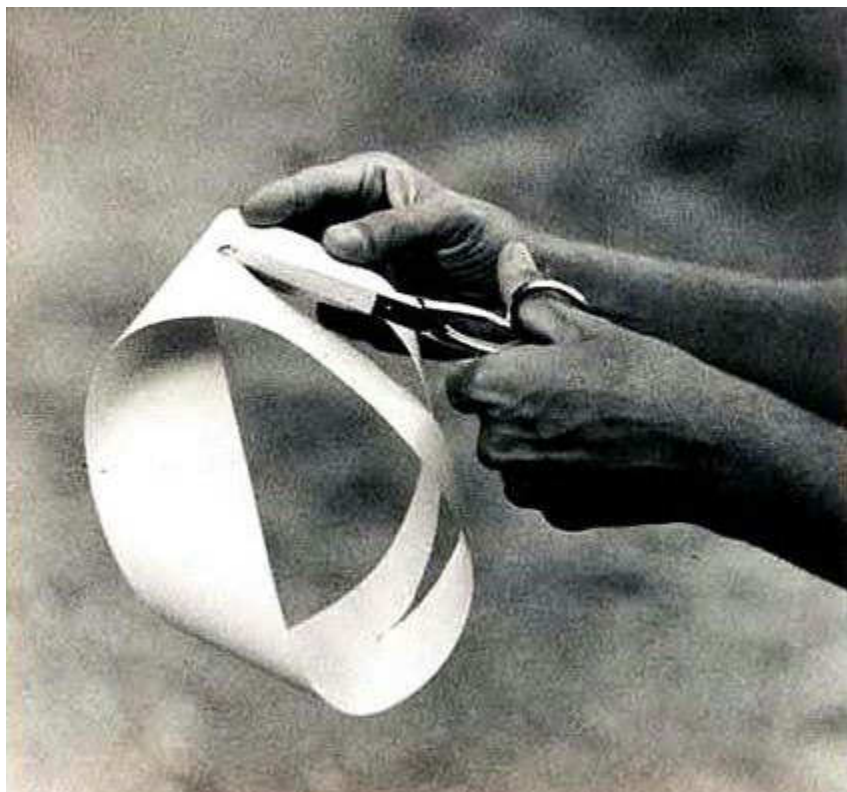
“É um organismo vivo, uma obra essencialmente ativa. Uma integração total, existencial, estabelecida entre ele e nós. Não é possível entre nós e o bicho uma atitude de passividade, nem de nossa parte nem da dele. O que se produziu foi uma espécie de corpo a corpo entre duas entidades vivas.”



**Figura 7: Bicho**

Fonte: O mundo de Lygia Clark. Disponível em: [www.lygiaclark.org.br/biografiaPT.asp](http://www.lygiaclark.org.br/biografiaPT.asp).

Em 1963, surge a obra *Caminhando*, que se utiliza de uma fita de papel, que o espectador é convidado a recortar como quiser, compondo uma manifestação artística que se resume a um ato puro.



**Figura 8: Caminhando**

Fonte: O mundo de Lygia Clark. Disponível em: [www.lygiaclark.org.br/biografiaPT.asp](http://www.lygiaclark.org.br/biografiaPT.asp).

Referente a essa obra Clark (1964 apud MARTINS, 2007, p. 28) diz:

“De saída, o Caminhando é apenas uma potencialidade. Você e ele formarão uma realidade única, total, existencial. Nenhuma separação entre sujeito-objeto. É um corpo-a-corpo, uma fusão. As diversas respostas nascerão de suas vozes. A relação dualista entre o homem e o Bicho que caracterizava as experiências precedentes, sucede um novo tipo de fusão. Na obra sendo o ato de fazer a obra, você e ela tornam-se totalmente indissociáveis. Há um só tipo de duração o ato. O ato é que produziu o *Caminhando*. Não há nada antes, nada depois”.

Em 1966-1968, Clark estabelece um vínculo com a vida e cria os *Objetos Sensoriais*, os quais são objetos de nosso cotidiano como sacos plásticos cheios de ar, água, areia ou isopor, tubos de borracha, canos de papelão, panos, meias, conchas, mel entre muitos outros. Esses objetos estimulam os diversos sentidos dos participantes, de diversas formas e sua intenção com isso, é desvincular o lugar do espectador e aproximá-lo de um estado onde o mundo se molda, passa a ser constante transformação.

De 1947, época que inicia seus estudos artísticos a 1988, ano de seu falecimento, Clark desenvolveu outras muitas obras além das descritas anteriormente. Em sua última obra inicia um trabalho com fins terapêuticos com os *Objetos Relacionais*, na dualidade desses objetos (leves/pesados, moles/duros), a artista trabalha o “arquivo de memórias” dos seus pacientes, os seus medos e fragilidades, através do sensorial.

No processo de ensino-aprendizagem e nas relações professor–aluno se faz presente a possibilidade de reinvenção da prática educativa, buscando na criação e na inventividade a dimensão política de resistência frente à metralhadora audiovisual<sup>16</sup> e outras formas constitutivas dos processos educativos da atualidade. Redescobrimos a dimensão sensível do educar, tomando o corpo e suas potencialidades sensíveis e expressivas como ponto de partida para a descoberta e reinvenção da prática educativa. Dessa forma busca-se relacionar os saberes trazidos pelos alunos, com os saberes sensíveis, corporais e artísticos, e os saberes científicos.

Uma questão interessante é a re-significação do educar que é posta por Joel Birman (2000 apud MARTINS, 2007, p.19), a qual podemos buscar na *experiência estética*, no fazer artístico, no campo de conhecimento das artes, uma possibilidade de re-significação do que seja educar. Para começarmos a entender voltemos à raiz grega da palavra estética (*aisthesis*)

---

<sup>16</sup> Metralhadora audiovisual, termo desenvolvido por Christoph Türcke.

indicativa da capacidade do ser humano de sentir a si próprio e ao mundo num todo integrado. Para nos explicar a respeito da *experiência estética*, Martins (2007, p.18) esclarece que:

A linguagem conceitual limita-se a traduzir o cognoscível, deixando à parte tudo o que é inexplicável, tudo o que não conseguimos traduzir em palavras, mas que percebemos, sentimos que existe. O conhecimento dos sentimentos e dos sentidos só pode ser expresso por outras vias diferentes dos recursos linguísticos conceituais. É através da *experiência estética*, do fazer artístico que o homem consegue compreender e exprimir a complexidade do seu mundo interior, o mundo dos sentimentos. É também pela *experiência estética*, pelas vias do sensível que desenvolvemos uma forma particular de nos acercarmos do mundo e sabermos sobre as coisas que nos cercam, dando um sentido único para a nossa experiência. Através destas práticas o ser humano registra sua passagem pelo mundo.

Complementando, Marcelo Pereira (2010) elucida que a experiência estética indica uma diferença de caráter qualitativo em relação à experiência cotidiana ou em geral, sendo uma experiência extracotidiana. Não necessariamente prazerosa, porquanto sensível, é uma experiência que não se encerra em si mesma, joga o pensamento, via sensibilidade, para outro nível de compreensão, de entendimento. De acordo com Gumbrecht<sup>17</sup> (2006, p. 54 apud PEREIRA, 2010, p. 560), os conteúdos da experiência estética compreendem “os sentimentos íntimos, as impressões e as imagens produzidas pela nossa consciência”, os objetos são “as coisas suscetíveis de desencadear tais sentimentos, impressões e imagens”, as condições seriam caracterizadas pelas “circunstâncias situacionais historicamente específicas nas quais estaria baseada” e os efeitos da experiência estética são “as consequências e as transformações decorrentes” dessa espécie de experiência.

A educação estética, para Márcia Strazzacappa, Sílvia Schroeder e Jorge Schroeder (2005), ocorre desde o momento que o aluno entra na escola - os muros, portões, jardins, paredes, murais com seus quadros de aviso, os corredores, a qualidade de imagens que preenchem cada sala de aula, entre outros. Isso tudo influencia na formação estética daqueles que aí conviverão, de acordo com a forma de relação entre, professores, alunos e funcionários com esse ambiente acolhedor ou repulsivo. Porém, a educação estética não está relacionada somente às cores, texturas e formas, está também relacionada a outras linguagens como a música, a dança, o teatro, por exemplo, os quais também são responsáveis por uma educação do sensível.

Ainda com esses autores, para a educação do sensível, não é o simples contato esporádico com algumas obras, nem a mera estimulação sensorial que fará com que se

<sup>17</sup> Cf. GUMBRECHT, Hans Ulrich. Pequenas crises: experiência estética nos mundos cotidianos. In: GUIMARÃES, Cesar; LEAL, Bruno Souza; MENDONÇA, Carlos (Org.). Comunicação e experiência estética. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

“desperte” uma sensibilidade para as diversas linguagens. Além do fato delas só existirem numa interação social, há a necessidade de “se apropriar de”, presente no fazer, experimentar, arriscar, testar, todas as atividades inerentes à criação.

Para a educação dos sentidos sugiro a escolha de turmas de pré-escola até a 3ª série (4º ano). A escolha desse público deu-se em consonância com Soares et al (1992), que propõe a organização curricular por ciclos de aprendizagem. O primeiro ciclo compreende esse período escolar e é o ciclo de organização da identidade dos dados da realidade, os quais aparecem de forma difusa. Cabe à escola, particularmente ao professor, organizar a identificação desses dados constatados e descritos pelo aluno, com a finalidade de formar sistemas e relacionar aos objetos. Assim, identifica semelhanças e diferenças. Nesse ciclo o aluno se encontra no momento da "experiência sensível", no qual prevalecem as referências sensoriais na sua relação com o conhecimento (SOARES et al, 1992). Porém, cabe aqui destacar que a educação dos sentidos deve estar presente e é de grande importância na vida de qualquer ser humano, independente do seu nível escolar.

## **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Para uma educação dos sentidos dentro do âmbito escolar é preciso primeiramente quebrar com os paradigmas da Educação Física ampliando seus conceitos de corpo e de trabalho com o mesmo, superando a ideia do desenvolvimento somente da aptidão física e de suas capacidades fisiológicas, não limitar o trabalho com o corpo, o movimento e os gestos apenas com fins neles mesmo, sem levar em conta o leque de influências nas atividades físicas, como seus aspectos culturais, seus significados, intenções e sua dimensão sensível mediada pelos cinco sentidos do ser humano.

Diante de uma sociedade capitalista que estamos inseridos, a qual privilegia um domínio maior da razão, de tudo aquilo que se explica a partir da racionalidade, muito disseminada, principalmente, com a ajuda da mídia, é necessário que andemos na sua contramão. Não digo que precisamos colocar a sensibilidade a frente da razão, mas sim unir o que é inteligível com o que é sensível, um não é objeto do outro, sua união tem como objetivo enriquecer o saber, pois o ser humano é um ser que pensa, sente, quer e age.

A partir dessa reflexão proposta por essa pesquisa, é notável a importância de se trabalhar a dimensão sensível, e assim, se faz necessário uma educação dos sentidos que contribuirá na formação das crianças, principalmente, da pré-escola até o 4º ano, lembrando também que esse trabalho não deve ser descartado nas demais fases da vida. As obras de Lygia Clark, ilustrada ao longo do trabalho e muitas outras, com maior foco no conjunto de obras dos *Objetos Sensoriais*, são um ótimo exemplo das formas possíveis de estimular a sensorialidade dos sujeitos, basta criatividade por parte do educador de criar objetos ou atividades capazes de contemplar esse trabalho.

Resignificar a prática educativa é papel fundamental do profissional que enxerga seu aluno além de uma preparação do vir a ser um adulto, o qual se transforma em um depósito de conhecimentos pré-estabelecidos. Outro modo de pensar essa prática é a partir da experiência estética, a qual leva em conta a linguagem dos sentidos, dos sentimentos, das emoções, dos desejos, da intencionalidade e do fazer artístico, características que compreendem a concepção que agora enxerga o aluno de forma mais completa, como um ser humano, um ser social.

## **REFERÊNCIAS**

ACKERMAN, Diane. **Uma história natural dos sentidos**. 2. ed. Tradução de Ana Zelma Campos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996. 368p.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando**: introdução à filosofia. 2. ed. rev. atual. São Paulo: Moderna, 1993. 396p.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas VI** – magia e técnica, arte e política. 7. ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1994. 256p.

BUENO, Maria de Fátima Guimarães. **O corpo e as sensibilidades modernas**: Bragança (1900-1920). 2007. 292f. Tese (Doutorado em Educação)-Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

CARUSO, Carla. **Almanaque dos sentidos**. São Paulo: Moderna, 2009. 96p.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. Ed. Ática, São Paulo, 2000. 520p.

SOARES, Carmen Lúcia et al. **Metodologia do ensino da educação física**. São Paulo: Cortez, 1992. 200p.

CUNHA, Nara Rúbia de Carvalho. **Chão de pedras, céu de estrelas**: o Museu-Escola do Museu da Inconfidência, Ouro Preto, década de 1980. 2011. 203f. Dissertação (Mestrado em Educação)-Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

DUARTE JÚNIOR, João Francisco. **O Sentido dos sentidos**: a educação (do) sensível. 2000. 234f. Tese (Doutorado em Educação)-Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

FREIRE, João Batista. **Educação como prática corporal**. São Paulo: Scipione, 2003. 183p.

\_\_\_\_\_. **De corpo e alma:** o discurso da motricidade. São Paulo: Summus, 1991. 160p.

KUNZ, Elenor et al. **Didática da educação física.** 2. ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2004. 158p.

MAFFESOLI, Michael. **Elogio da razão sensível.** 2. ed. Tradução de Albert Christophe Migueis Stuchenbruck. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998. 208p.

\_\_\_\_\_. **No fundo das aparências.** 2. ed. Tradução de Bertha Halpern Gurovitz. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996. 350p.

MARTINS, Maria Julia Stella. **A Obra de Lygia Clarck como referência para a experimentação de uma prática educativa sensível.** 2007. 47f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)– Centro de Ciências Humanas, Departamento de Educação, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2007.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção.** São Paulo: Martins Fontes, 1999. 662p.

MONTAGU, Ashley. **Tocar:** o significado humano da pele. 8. ed. São Paulo: Summus, 1988. 430p.

ONFRAY, Michel. **A escultura de si:** a moral estética. Rio de Janeiro, RJ: Rocco, 1995. 210p.

PEREIRA, Marcelo de Andrade. A dimensão performativa do gesto na prática docente. **Revista Brasileira de Educação,** Rio de Janeiro, v. 15, n. 45, p. 555-563, set./dez. 2010.

PESSOA, Fernando. O guardador de rebanho II. In: \_\_\_\_\_. **Obra poética e em prosa.** Porto: Ed. Antonio Quadros, 1986.

\_\_\_\_\_. O guardador de rebanho IX. In: \_\_\_\_\_. **Obra poética e em prosa.** Porto: Ed. Antonio Quadros, 1986.

ROBLE, Odilon José. **Transvaloração do corpo**: notas para uma educação ético-estética. 2008. 139f. Tese (Doutorado em Educação)–Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

SALGADO, Luiz Carlos Duarte. **Educação física e sensibilidade**: diálogo com um método sensível. 2003. 85f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

STRAZZACAPPA, Márcia; SHROEDER, Sílvia Nassif; SHROEDER, Jorge. **A construção do conhecimento em arte**. In: BITTENCOURT E OLIVEIRA, W. Gestão, Currículo e Cultura, Unicamp, 2005. p. 75-82.

TÜRCKE, Christoph. **Sociedade excitada** – filosofia da sensação. 1. ed. Ed. Unicamp, 2010a. 328p.

\_\_\_\_\_. Sob a mira da metralhadora audiovisual. **Jornal da Unicamp**. Campinas, 4 a 17 out. 2010b. p. 6 e 7.